



13^a FEBRAT

Redes sociais e o olhar patologizante sobre mulheres jovens

Ana Clara Soares Gomes da Cunha, *Escola Estadual Prof. Juvenília Ferreira dos Santos,*
anaclarasgdacunha@gmail.com

Elisa Soane Lomônaco, *Colégio Nacional,* *elisa.lomonaco@ufu.br*

Maria Luiza Guarato Pinho, *Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia,*
maria.pinho@ufu.br

Ketlin Kroetz, *Professora no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia,*
ketlinkroetz@ufu.br

Categoria: D

Palavras-chave: Patologização. Mulheres. Redes sociais.

Resumo expandido

No livro *Mal-estar, sofrimento e sintoma*, Christian Dunker (2015) critica a forma como, na contemporaneidade, a sociedade tende a transformar qualquer sofrimento psíquico em diagnóstico médico. Esse movimento é ainda mais evidente nas redes sociais, que amplificam padrões de comportamento, produção e estética, contribuindo para o aumento do sofrimento. O *Panorama da Saúde Mental (2024)*, desenvolvido pelo Instituto Cactus em parceria com a Atlas-Intel, indica que os impactos das redes sociais sobre a vida dos jovens costumam ser traduzidos em diagnósticos médicos. Contudo, é importante destacar que o sofrimento psíquico não corresponde, necessariamente, a uma patologia (Safatle; Junior; Dunker, 2020). Embora doloroso, nem sempre pode ser enquadrado como doença ou transtorno, mas como expressão das tensões da vida contemporânea, marcada pelo neoliberalismo. A patologização de comportamentos revela a dificuldade coletiva de lidar com a complexidade do mundo digital, que potencializa características humanas universais (como vaidade, insegurança, desejo de conexão e necessidade de expressão), mas que não implicam, por si só, em doença. Desse modo, partimos da hipótese de que, nas redes sociais, constrói-se um fio condutor patologizante que serve para



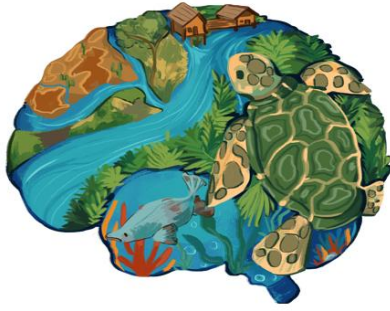
13^a FEBRAT

justificar comportamentos considerados inadequados. Assim, estabelece-se a ideia de um sujeito “normal” (Foucault, 2001), enquanto tudo o que foge dessa norma é classificado como anormal e, portanto, passível de diagnóstico. Nesse processo, o corpo e a mente de jovens mulheres é submetido a intervenções médicas e biológicas, em busca de uma suposta normalidade. A partir dessa perspectiva, o objetivo central deste trabalho é problematizar os discursos que reforçam a patologização das mulheres nas redes sociais. Como objetivos específicos, propomos: Ampliar o debate acadêmico sobre a patologização dos comportamentos femininos, especialmente no contexto digital e juvenil; Identificar práticas de resistência nas redes sociais que busquem desconstruir narrativas patologizantes; Promover ações de extensão em escolas da região de Uberlândia, voltadas a jovens mulheres, com foco no cuidado de si como prática ético-política, estimulando uma relação mais consciente com a saúde mental. Para alcançar esses objetivos, organizamos o referencial teórico em três eixos. O primeiro, Neoliberalismo, patologização e sofrimento psíquico: uma crítica contemporânea, discute como o neoliberalismo acentua o processo de patologização, analisando o crescimento da tendência de interpretar sofrimentos comuns como doenças, desconsiderando fatores sociais, econômicos e políticos que os atravessam. O segundo eixo, Redes sociais na juventude, examina o uso massivo de plataformas como Instagram, TikTok e Twitter, e seus impactos sobre a juventude feminina, utilizando autores como Paula Sibilia e sua obra *O show do eu* (2015). Por fim, o terceiro eixo, *Do normal ao anormal: patologização dos comportamentos das juventudes femininas nas redes sociais*, aborda a literatura que relaciona a noção de anormalidade à patologia. Para alcançar o objetivo da pesquisa, foi realizada uma etnografia digital nas plataformas Instagram, TikTok e Twitter. Trata-se de uma abordagem qualitativa, de caráter essencialmente exploratório. A etnografia digital pode ser entendida como uma estratégia metodológica que busca compreender as interações realizadas nas



13^a FEBRAT

tecnologias digitais, incorporando o engajamento reflexivo em ambientes virtuais com o objetivo de produzir conhecimento sobre os significados, valores e práticas dos sujeitos nesses espaços (Hine, 2004). O digital não é visto como um simples canal de comunicação, mas como um campo social próprio, com normas, linguagens, símbolos e modos de vida que precisam ser interpretados em seus próprios termos. A pesquisa de campo ocorreu entre os meses de agosto e setembro, período em que foram coletados materiais relacionados aos discursos de patologização das mulheres nas plataformas selecionadas. O monitoramento foi diário, contemplando diferentes formatos de publicação, como vídeos, imagens, legendas, comentários, respostas e textos. Todo o material foi registrado por meio de capturas de tela e sistematizado em um diário de campo, garantindo o anonimato das pessoas observadas. Na etapa de organização dos dados para análise, o objetivo consistirá em transformar esse conjunto amplo e heterogêneo de informações (posts, imagens, vídeos, comentários etc.) em categorias interpretativas que respondam à problemática do estudo. O grupo de pesquisadoras é composto por estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio de escolas da cidade de Uberlândia. A pesquisa, que se encontra em andamento, tem como impacto a ampliação do debate acadêmico sobre a patologização dos comportamentos femininos, especialmente no contexto das redes sociais e da juventude, dialogando com áreas como Psicologia, Sociologia, Estudos de Gênero e Comunicação. Um dos resultados esperados consiste na contribuição do projeto para desnaturalizar o discurso médico-psicológico que rotula como "doentes" certos comportamentos que fazem parte das formas de expressão e construção de identidade das jovens mulheres na contemporaneidade. Ao problematizar como o sofrimento psíquico é tratado nas redes sociais, o projeto pode contribuir para uma discussão mais ética e crítica sobre saúde mental, gênero e juventude. Outro efeito consiste em um impacto prático, no sentido de propor o cuidado de si como alternativa de prática de



13^a FEBRAT

liberdade para mulheres jovens, visando promover o autoconhecimento. Tais resultados convergem para a construção de um conhecimento solidário, crítico e orientado à prática, capaz de desconstruir estigmas, reforçar a saúde mental e o cuidado ético de si das mulheres jovens.

Referências

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**: uma psicopatologia do Brasil entre muros. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015. 413 p

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004. Disponível em: <http://ethnographymatters.net/blog/2013/11/29/christine-hine-on-virtual-ethnographys-e3-internet/>. Acesso em: 23 mar. 2019.

INSTITUTO CACTUS; ATLASINTEL. **Panorama da Saúde Mental**: 3^a coleta, 1^o semestre de 2024. São Paulo: Instituto Cactus; AtlasIntel, 06 nov. 2024.

SAFATLE, Vladimir; JÚNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian Ingo Lenz **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Autêntica, 2020.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteir, 2015.